

# A PROVÍNCIA MAGMÁTICA DO PARANÁ NO CONTEXTO DA SEPARAÇÃO DO GONDWANA NA MARGEM SUL/SUDESTE DO BRASIL - SUA INFLUÊNCIA EM MARGENS RICAS E POBRES EM MAGMA.

Juliano Magalhães Stica<sup>1,2</sup>; Pedro Victor Zalán<sup>1</sup>; André Luiz Ferrari<sup>2</sup>

<sup>1</sup> PETROBRAS; <sup>2</sup> UFF

**RESUMO:** Nos últimos anos diversos modelos relacionados à separação continental vêm sendo apresentados e discutidos no meio científico. Um dos principais temas abordados é a definição dos diferentes tipos de margens passivas e, por consequência, diferentes processos de evolução e acumulação de rochas magmáticas e/ou sedimentares desde os estágios iniciais de estiramento, passando por toda a evolução do rifte até a ruptura da crosta continental e formação de crosta oceânica. Basicamente, margens passivas podem ser divididas em dois extremos: Margem Pobre em Magma e Margem Vulcânica. Amplamente discutida na literatura, as margens pobres em magma apresentam características como: espessa seção rifte sedimentar, “pouco” magmatismo associado durante a fase sin-rifte, afinamento gradual da crosta, exumação do manto, diacronismo do rifte em direção ao ponto de ruptura, entre outros. Nas margens vulcânicas as principais características são: margens associadas a grandes províncias ígneas (*Large Igneous Provinces - LIPs*), plumas mantélicas, pulsos ígneos pré-, sin- e pós-rifte, alta taxa de produção e deposição de rochas magmáticas, derrames basálticos tabulares, formação de *Seaward-Dipping Reflectors (SDRs)* associados à ruptura, afinamento crustal abrupto, *underplating* na base da crosta, entre outros. Importante destacar que para a ruptura e formação de crosta oceânica os processos magmáticos são necessários, independente do tipo de margem. A diferença entre elas se dá na gênese, *timing* e volume de magma envolvido no processo.

O intuito deste trabalho é apresentar, através de dados sísmicos e correlação com análogos de campo, a influência e o posicionamento tectono-estratigráfico do *LIP* Paraná-Etendeka na evolução da ruptura do Gondwana na margem sul/sudeste do Brasil, abrindo a discussão de modelos existentes tais como a extrusão da Fm. Serra Geral na Bacia do Paraná e sua extensão sob a margem continental, o pré-rifte das Bacias de Campos/Santos e a seção pré- a sin-rifte da Bacia de Pelotas até a formação de crosta oceânica. Diversos trabalhos associam a extrusão dos basaltos Serra Geral ao estágio precursor da separação do Gondwana durante o Eocretáceo, associado a anomalias termais e intumescimento da crosta, junções tríplices, etc. Neste caso, ela passa a ser tratada como pertencente ao estágio pré-rifte (seguindo a premissa de estágio evolutivo geneticamente associado ao rifte, com subsidência flexural, porém, ainda sem a subsidência mecânica do rifte). Dados sísmicos ilustrando a sismo-fácies do embasamento econômico da Bacia de Santos e a discussão de sua natureza serão apresentados. A mesma observação pode ser levada para a Bacia de Pelotas, porém a interpretação sísmica para esta bacia, através da interpretação de SDRs, mostra que o estágio magmático iniciado na fase pré-rifte tem evolução e continuidade para a fase sin-rifte em direção bacia adentro até a fase de ruptura da crosta continental e formação de crosta oceânica. As diversas fases magmáticas associadas ao rifteamento bem como as diversas datações das rochas vulcânicas e a cronoestratigrafia destas em relação à evolução temporal do rifteamento da crosta e sua influência nos dois tipos de margens passivas descritas para margem sul/sudeste do Brasil serão discutidas.

**PALAVRAS CHAVE:** LIP PARANÁ-ETENDEKA, MARGENS PASSIVAS